



OS SETE TONS DO TITÃ

Gregory Magalhães Costa¹

Agora os vôos passam asas,
 Em cada pena vejo um pássaro,
 Num suspiro nu espetam as penas todas.

Oh Titã dos Andes,
 Com o poder de surgir aos montes
 E tão alto subir aos céus até sumir:
 Azul-claro, nuances brancas em nuvens...
 Neutras
 Sombras claras
 Sim! A terra se alimenta dos restos
 E com seu processo orgânico transforma em plantas,
 Seres, troncos
 E vôos.

Voe Titã!
 Os ventos te habitam,
 Aos campos abertos,
 O Sol em raios
 Entre vivos e mortos
 Sãs feridas
 Tange um plano raso.

Teu enorme tronco perfaz o improvável
 Vôo veloz noite adentro:

¹ Mestrando em Ciência da Literatura na UFRJ, bolsista FAPERJ nota 10/ e-mail: criticass@ig.com.br



O penhasco é teu ninho,
 As pernas de três pontas equilibram:
 As garras cortam não agarram.
 Visitas florestas e chuvas acima,
 O Orvalho: gesto orgânico.

Tem no triz a nitidez precisa,
 Da rigidez inerte verte a rubra embriaguez:
 Neste dia lança parcerias
 Em íris multi-hybris
 Entre árvores em vários
 Vales vazios.

Sim! A cabeça pelada contrasta
 Com a divina plumagem do resto
 Sobre a vastidão de magem pastos:
 A resistência sempre em raízes do sul.

Já sem nome (como não?) és Deus:
 Só nos sobra a violência da invenção:
 Chamam-te então Apu Kuntur:
 O fundador de culturas e criaturas
 Foi minha última visão sob o abismo-em-curvas
 No compasso em cor de sete tons:
 O Condor...
 ... pousado no dorso dum boi.